

Conservação ambiental

Jardim Botânico

Combinação instrutiva e atraente de botânica, horticultura e paisagismo

Por Marcelo Machado Leão

Os jardins botânicos se constituem em um dos instrumentos mais eficientes para estimular a conservação do ambiente e o desenvolvimento sustentável. Sua missão é promover a preservação do patrimônio florístico, por meio da manutenção de coleções de espécies vegetais vivas cientificamente reconhecidas, devidamente organizadas e catalogadas, acessíveis ao público, servindo para a realização de atividades de educação, cultura, lazer e de pesquisa científica.

Os primeiros jardins botânicos surgiram na Europa, principalmente na Itália, durante o século XVI. O mais antigo seria o de Pisa (1545). Normalmente, foram criados nas proximidades das escolas de medicina, pois uma de suas principais atividades era o cultivo de ervas medicinais. O sucesso dessas instituições foi grande e imediato: mostraram-se eficazes no ensino, na aclimação de novas espécies e na produção de plantas úteis.

No Brasil, a primeira iniciativa de instalação de um jardim botânico é atribuída ao príncipe holandês Maurício de Nassau, em Recife, em Pernambuco, que teria existido entre 1637 e 1644. Pouco dele se conhece, pois foi totalmente destruído por ocasião da expulsão dos holandeses da então colônia portuguesa.

Somente muito mais tarde, durante o século XVIII, seriam emitidas as instruções reais para a criação dos jardins botânicos de Olinda, Cuiabá, Belém e Ouro Preto (Vila Rica, na época). Somente os dois últimos sobreviveram alguns anos. Destinavam-se principalmente ao cultivo de espécies nativas e exóticas, como a amoreira (para a criação do bicho-da-seda), a planta do chá, o café, a frutapão e de diversas especiarias, como pimenta-do-reino, canela e cravo-da-índia.

Foi essa também a finalidade principal da instalação do Jardim da Aclimação do Real Horto (hoje Jardim Botânico do Rio de Janeiro), por D. João VI, em 1808. Encantado com a paisagem natural do local, entre os morros do Corcovado e Dois Irmãos - que já abrigava uma fábrica de pólvora, uma fundição e uma torneria para fabricar canhões, ele decidiu criar ali um espaço destinado ao plantio de muitas espécies exóti-



O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um dos mais tradicionais do país, instalado por D. João VI, em 1808

PASSADO E PRESENTE

Jardim Botânico de Piracicaba

A ideia de criar um Jardim Botânico em Piracicaba não é nova. Durante a segunda gestão do Prefeito Adilson Maluf (1983-1988), o então Secretário de Serviços Públicos, o engenheiro agrônomo José Flávio Machado Leão reservou, para a sua instalação, uma área então abandonada, com 174 mil metros quadrados, aproximadamente, às margens do rio Piracicaba, anteriormente ocupada pelo Engenho Central - uma das primeiras usinas de açúcar de Piracicaba -, cuja posse estava sendo negociada pela municipalidade. O objetivo era transformar o local em um centro educativo, procurando criar uma consciência conservacionista na população, principalmente nas crianças, explicou na época, José Flávio, principal idealizador da iniciativa.

A preocupação foi desenvolver um projeto em harmonia com a natureza, dotando o local de

uma variada e representativa coleção da flora brasileira. A tentativa era recuperar a exuberante mata nativa ali existente no passado. Por isso, o projeto, elaborado pelos técnicos municipais, foi amplamente discutido com especialistas que atuavam no setor. Iniciou-se, inclusive, um intercâmbio com instituições semelhantes, no Brasil e no exterior, para que o Jardim Botânico cumprisse com eficiências as suas funções de educação, conservação, pesquisa e lazer.

A intervenção na área compreendia o seu fechamento, com a instalação de portaria e o estabelecimento de uma circulação, ligando os principais pontos de atração. Uma antiga edificação existente, utilizada no passado para o depósito de esterco, foi totalmente reformada, com projeto do arquiteto paulistano Roberto Gomes Corrêa, para servir

como centro de visitantes, realização de cursos e palestras. Ao redor do grande lago existente estava previsto o plantio de centenas de árvores nativas e exóticas, dispostas em um arranjo paisagístico, devidamente identificadas e reunidas em coleções específicas: palmeiras, orquídeas, bromélias, plantas medicinais, palustres e aquáticas, entre outras. Quando fosse totalmente implantado, o Jardim Botânico pretendia ser um marco em Piracicaba no trabalho da conservação da natureza e da educação ambiental. O projeto foi interrompido nas administrações municipais posteriores, mas nada impede que seja retomado. Já existe alguma movimentação nesse sentido, por parte de algumas pessoas e entidades empenhadas na defesa do ambiente.

cas, como jaqueira, frutapão, cajá-manga, olho de boi e flor-de-coral, uma orquídea que floresce até hoje nos troncos mais antigos das árvores do lugar. Trouxe também mudas de palmeira: a mais conhecida delas, denominada palma mater, teria sido plantada pelo próprio rei e sobreviveu até 1972, quando foi destruída por um raio.

De qualquer forma, desde aquela época, já se vislumbrava uma finalidade importante dos jardins botânicos: a de proporcionar o conhecimento e o intercâmbio internacional de espécies vegetais no mundo, introduzindo novas variedades e trabalhando, assim, pela conservação das plantas, sejam elas ameaçadas ou não de extinção.

Além de serem utilizados principalmente para a pesquisa e educação, os jardins botânicos são também, nos dias atuais, espaços diferenciados de lazer e recreação. Despertam o interesse e a curiosidade das pessoas pela biodiversidade vegetal e estimulam o amor à natureza.

Apesar dessa importância, há ainda muito poucos no Brasil: em 2010, foram contabilizados 34 jardins botânicos no país, situados principalmente no domínio da Mata Atlântica, enquanto que no mundo inteiro, existem mais de 300 unidades de conservação desse tipo.

É importante mudar esse quadro, pois a degradação dos habitats naturais das plantas ocorre de forma muito rápida e muitas espécies vegetais podem se extinguir antes mesmo que se realizem estudos para conhecê-las e propagá-las.

Marcelo Machado Leão é Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Ciências Florestais pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Além de diretor técnico da Propark Paisagismo e Ambiente Ltda., é professor em carga temporária ou convidado da Escola de Engenharia de Piracicaba, do Green Building Council (GBC-Brasil) e da Esalq-USP. Dentre as suas qualificações destacam-se a recuperação de áreas degradadas; a utilização de ativos florestais não madeireiros; o desenvolvimento de programas de gestão ambiental, o paisagismo sustentável e a manutenção de áreas verdes.